

De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial*

RESUMO

O presente texto ressalta a importância da obra de Marshall McLuhan e de Harold Innis para a pesquisa de comunicação contemporânea.

ABSTRACT

This text emphasizes the importance of the works of both Marshall McLuhan and Harold Innis for contemporaneous researches on communication.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- McLuhan
- Innis
- Aldeia Global (Global village)

MARSHALL MCLUHAN é o autor canadense mais conhecido e mais citado no mundo. Essa notoriedade, infelizmente, não é seguida por um conhecimento aprofundado da sua obra. Para o estudante de comunicação, essa última se limita, freqüentemente, a uma compreensão aproximada, por vezes errada, da metáfora da aldeia global e do aforismo célebre “a mídia é a mensagem”. Para o analista crítico, McLuhan representa somente o mais ilustre apologista do determinismo tecnológico e, devido a isso, não merece muito a mais ampla consideração.

Harold A. Innis é menos conhecido no estrangeiro, seus livros não foram traduzidos em várias línguas como os de McLuhan, e sua influência, com algumas exceções, não ultrapassou as fronteiras canadenses. Somente alguns conhecedores - entre eles nós podemos citar o ilustre comunicólogo americano James Carey - deram-lhe uma estudiosa atenção e encontraram nos seus trabalhos uma fecunda inspiração. Por outro lado, ele deixou uma herança mais marcante do que a de McLuhan nos meios acadêmicos canadenses que se consagram aos estudos de comunicação, particularmente aqueles que se identificam com uma abordagem pertencente à galáxia da economia política.

Meu trabalho de professor me levou várias vezes a ler e reler os principais trabalhos de Innis e McLuhan. Eu não pretendo, portanto, ser exegeta ou especialista nem de um nem de outro desses autores. Mas tanto um como outro exerceram sobre mim uma profunda influência em dois momentos diferentes da minha carreira. Eu agradeço aos

Gaëtan Tremblay

Canadá

organizadores desse seminário que me deram a oportunidade de reconhecer publicamente minha dívida e de proceder a uma avaliação crítica do que eu estimo ser a contribuição desses autores às ciências da comunicação.

Desde que me interesse pelas relações entre as técnicas de comunicação e a organização social, econômica e política: a cultura no seu sentido amplo, ou seja, os modos de pensar, de sentir, de conhecer, tanto quanto as obras literárias e artísticas; a produção, a distribuição e a consumação de produtos culturais, de informação e de comunicação; o impacto das mídias na vida dos indivíduos e das sociedades; a leitura das obras de Harold Innis e de Marshall McLuhan me parece indispensável.

Eu me proponho, no curso dessa exposição, a uma avaliação crítica da contribuição de McLuhan e de Innis às ciências da comunicação, expondo, sucintamente, as principais idéias e o método de trabalho de cada um. Abordarei em seguida, especificamente, como indica o título da minha comunicação, os temas da aldeia global e do império, no centro da atualidade, assim como a obra de dois autores canadenses. Concluirei sobre alguns elementos do contexto que seriam necessários aprofundá-los para podermos fazer uma boa apreciação da originalidade e da importância dos trabalhos de Innis e de McLuhan.

Os escritos de McLuhan são posteriores aos de Innis, e o guru de Toronto reconheceu explicitamente, algumas vezes, o trabalho pioneiro do autor de *Empire and Communication* e de *The Bias of Communication*. Mas, por duas razões, eu começarei minhas reflexões às avessas da seqüência histórica. Primeiro, porque eu conheci antes a obra de McLuhan e, segundo, porque penso, como indica o título da minha apresentação, que a história recente nos convida a reconstituí-la a partir de McLuhan na direção de Innis.

Os dois professores de Toronto têm

em comum o mesmo interesse pelas mídias de comunicação que foram colocadas no centro de seus trabalhos. Freqüentemente, Innis é apresentado como o precursor de McLuhan, pela razão que esse último valeu-se do primeiro para fazer o prefácio de uma reedição do *Empire and Communication* em 1972 e para redigir uma introdução de uma reedição do *The Bias of Communication* em 1977.

Mas, como nós veremos, a análise atenta dos seus trabalhos nos mostra tanto, senão mais, diferenças do que pontos em comum. Um recebeu uma formação em ciências econômicas, o outro em estudos literários. Innis fez uma carreira universitária clássica, enquanto McLuhan ficou sempre à margem. Innis conduziu suas pesquisas, aplicando rigorosamente os métodos das ciências sociais. McLuhan espelhou-se na maneira de trabalhar dos artistas. O primeiro interessou-se mais pelo destino das coletividades, o segundo, pelos indivíduos. Innis manteve-se pessimista até o fim da sua vida em relação ao futuro das sociedades modernas, essas não reunindo mais as condições de reprodução de um equilíbrio necessário à sua perenidade. McLuhan, ao contrário, passou de um sentimento de inquietude diante das manifestações da cultura contemporânea perceptível em obras como *The Mechanical Bride* e *War and Peace in the Global Village*, a um certo otimismo face as possibilidades da civilização da eletricidade, exposto prazerosamente em *Understanding Media* e *The Medium is the Massage*.

Se os dois autores foram fascinados pelas sociedades do passado – McLuhan pela Idade Média e as sociedades tribais, Innis pelo século de ouro da Grécia de Péricles – a obra de cada um responde a questões, a preocupações, a um projeto relativamente diferentes. Innis tentou determinar as condições de equilíbrio e de perenidade das sociedades, dos impérios, das civilizações.

McLuhan tentou compreender as causas, o sentido e a direção das

mudanças consecutivas à invenção das novas mídias e de seu impacto na vida dos homens e das mulheres modernas ou, se preferirmos, pós-modernas.

1 O oráculo McLuhan

Meu primeiro contato com a obra de McLuhan data do verão de 1967, memorável para todos os quebequianos da minha geração, porque Montreal foi sede, nesse ano, de uma Exposição Universal. Eu tinha acabado de terminar o colégio e pensava em seguir os estudos de sociologia na universidade de Laval. A leitura de *The Medium is the Message*, depois a de *The Gutenberg Galaxy* e *Understanding Media*, através da excelente tradução francesa feita pelo jornalista e editor quebequiano Jean Paré, foram determinantes na orientação da minha dissertação de mestrado e das minhas pesquisas posteriores em sociologia da comunicação. Eu não saberia dizer se McLuhan é o principal fator da origem do meu interesse pelas comunicações, mas estou convencido que ele contribuiu para confirmá-lo, senão em tudo ao menos em muito.

Porém sempre mantive uma relação ambivalente com a sua obra. Frequentemente me incomodei com suas imprecisões intelectuais e suas afirmações superficiais. Eu sempre fui céptico diante de sua teoria da percepção e nunca aderi ao seu determinismo tecnológico. Frequentemente, fui estimulado pelas suas metáforas ousadas, suas incríveis confrontações, suas interpretações originais das obras literárias e artísticas. Se eu pudesse resumir em algumas palavras minha relação com McLuhan, poderia dizer que é um autor com o qual discordo frequentemente, mas que me provoca, me interroga, me estimula, me faz reagir. Para parafrazeá-lo, não concordo com o conteúdo, mas pouco importa, é a minha interação com a mídia que conta! É precioso um autor que me faça refletir e ousar pensar que McLuhan seria

orgulhoso desse papel. Infelizmente, nos contentamos, muitas vezes, em repetir como dogmas, às vezes a contra-senso, suas mais célebres fórmulas.

McLuhan foi, sem contestação, um dos primeiros autores a chamar a atenção do público para a existência das técnicas de comunicação, para as suas características e para o seu modo de funcionamento do que somente para as mensagens que eles veiculam. Até os anos 60, os pesquisadores interessavam-se somente nos efeitos específicos dos diferentes tipos de mensagens (para fins de propaganda ou publicidade), e o debate público sobre as mídias ficou obscurecido pela moralidade dos programas. Os trabalhos de McLuhan tornaram-se de ponta ao lembrar a importância das técnicas de difusão e das redes de transmissão. O estilo que ele adotou e suas formas lapidárias e brilhantes, além do caráter dramático e misterioso de sua mensagem, fizeram dele um oráculo da comunicação.

1.1 As mídias revolucionam o mundo

Todo o pensamento de McLuhan baseia-se em uma convicção profunda: as mídias que definem o ambiente do homem e da sociedade perturbam todos os aspectos da vida.

A mídia ou o processo do seu tempo – tecnologia elétrica – produz e reestrutura padrões de interdependência social e todo aspecto da vida pessoal. Nós somos forçados a reconsiderar e a reavaliar praticamente toda idéia, toda ação e toda instituição formalmente assentada. Tudo é mudança – você, sua família, seus vizinhos, sua educação, seu trabalho, seu governo, sua relação com os “outros”. E eles mudam drasticamente (McLuhan, 1967, p. 8).

A evolução das mídias constitui o principal fator explicativo, determinante, da história humana que McLuhan divide em três grandes períodos segundo a mídia que domina cada um deles: a civilização

da oralidade, a civilização da imprensa (a galáxia de Gutenberg) e a civilização da eletricidade (a galáxia Marconi). Poderíamos multiplicar ao extremo as citações que fizeram de McLuhan, apesar de suas ocasionais denegações, um dos mais ilustres mensageiros do determinismo tecnológico. Na sua obra, a sociedade e o indivíduo são modelos para as mídias. Os fatores sociais, econômicos, culturais ou políticos, logo que eles são invocados, têm sempre uma importância secundária diante da sobredeterminação técnica. Algumas passagens dos livros de McLuhan dão muita ênfase ao caráter mecânico e industrial da produção midiática: divisão e hierarquização das operações, substituição dos componentes, reprodução mecânica, linearidade do pensamento.

A imprensa foi a primeira mecanização de uma arte antiga e tem conduzido à mecanização posterior de todas as profissões manuais (McLuhan, 1962, p. 70).

É o princípio de fracionamento que é a essência mesma da tecnologia mecânica, que molda as estruturas do trabalho e da associação dos humanos. A essência da tecnologia de automatização é o oposto. Ela é envolvente e profundamente descentralizadora, enquanto que a máquina é fracional, centralizadora e superficial na sua maneira de modelar as relações humanas (McLuhan, 1964, p. 24).

Nós não saberíamos dizer se McLuhan leu as obras da Escola de Frankfurt, particularmente as de Adorno e Horkheimer. Porém, se concorda com eles sobre a constatação do caráter mecânico, industrial, da cultura, ele acaba fazendo uma análise completamente oposta. Para os pesquisadores da Escola de Frankfurt as técnicas modernas de comunicação, inventadas no começo do século XX, particularmente o rádio e o cinema, é que são as responsáveis dessa industrialização da cultura. Para McLuhan, a mecanização da cultura resulta sobretudo da invenção da imprensa no século XV. Para Adorno e

Horkheimer, a homogeneização consecutiva à reprodução industrial ameaça a cultura da emancipação, herdada do Iluminismo, que se encarna nas grandes obras artísticas e literárias do século passado, difundidas em grande parte graças à imprensa. Para McLuhan as mídias elétricas e eletrônicas que se sucedem, desde a segunda metade do século XIX, autorizam um retorno à percepção multissensorial e ao pensamento complexo e global, características da oralidade, depois dos séculos da linearidade, da especialização, da hierarquização e da divisão e do sectarismo que seguiram a invenção, a difusão e a dominação da imprensa no mundo civilizado.

A homogeneização dos homens e dos objetos tornou-se o grande objetivo da época de Gutenberg, mas também fonte de riqueza e poder que nenhuma outra época ou tecnologia conheceram (McLuhan, 1962, p. 188-189).

O homem unidimensional para McLuhan não é resultado da expansão da cultura de massa e do sistema capitalista, como escreveu Herbert Marcuse (1969). Ao contrário, ele é fundamentalmente, para o autor da Galáxia de Gutenberg, o produto da cultura livresca que se tornou possível pela invenção da imprensa. É uma inversão completa de perspectiva em relação às teorias da Escola de Frankfurt.

2 O escriba Innis

Minha iniciação na obra de Innis deu-se muito mais tarde que na de McLuhan. Ela data do fim dos anos 70, quando os primeiros trabalhos que levaram à criação da Associação Canadense das Comunicações me colocaram em contato regular com os colegas canadenses, particularmente meu amigo Liora Salter, atualmente professor na York University. A inexistência de uma tradução francesa dos livros de Innis é, provavelmente, em grande parte responsável pela sua fraca

notoriedade fora do mundo anglo-saxão¹.

McLuhan não foi um universitário clássico e nunca obteve dos seus colegas o reconhecimento ao qual ele aspirava. Innis, ao contrário, representava o verdadeiro tipo do intelectual universitário canadense.

Diziam que ele era um medíocre pedagogo, mas um erudito e um pesquisador respeitado. Muito tempo depois da sua morte, ele continuou sendo um modelo de referência para muitos universitários canadenses. Sob vários aspectos, Innis encarnava um típico representante da cultura livresca da era Gutenberg, segundo McLuhan. A figura que evoca seu personagem é sobretudo a do escriba mais estudioso do que a do profeta carismático.

Sem dúvida a formação em ciências sociais de Harold Innis, imediatamente, fez-se para mim sua abordagem das comunicações mais crível do que a de McLuhan. Eu sou, antes de mais nada, um sociólogo fascinado pela história e pela economia. Innis, antes de tudo, era um economista apaixonado pela história. Seus primeiros trabalhos basearam-se nas economias fundadas na exploração das primeiras matérias, particularmente as peles e as madeiras canadenses. A constatação do papel central das infra-estruturas de transporte conduziu-no, pouco a pouco, aos estudos das comunicações.

2.1 As mídias, instrumentos de controle do tempo e do espaço

Innis é um dos primeiros pesquisadores a destacar a importância estratégica das comunicações na criação e na sobrevivência dos impérios desde o começo das civilizações. A teoria innisiana articula-se em função dos conceitos de base que são o tempo e o espaço. Toda sociedade deve arrumar um território e dar-se os meios de sobrevivência e de reprodução. Segundo Innis, todas as mídias apresentam bias², características que permitem controlar uma ou outra

dimensão, o espaço ou o tempo. Todo império, toda sociedade que pretende uma certa perenidade deve realizar um equilíbrio entre uma mídia que favorece o controle do espaço e outra que assegura sua reprodução no tempo. Enfim, segundo Innis, o funcionamento das mídias dominantes suscita a criação de monopólios do saber exercido por uma casta ou um grupo de padres, de escribas, de sábios a quem o poder concede um certo número de privilégios.

Não encontramos traços de nenhuma teoria da percepção na obra de Harold Innis, nela as mídias não são concebidas como extensão dos sentidos humanos. O viés que elas implicam, as características que elas apresentam, dependem da natureza do seu suporte (pesado ou leve, durável ou efêmero, etc.), da sua maior ou menor facilidade de acesso (raridade dos lugares de produção dos papiros, descentralização da produção do papel, etc.), de suas condições de produção (vagar da escultura sobre pedra; rapidez de execução dos signos sobre a argila que seca rápido; proximidade e abundância das reservas de água para a produção do pergaminho; etc.) e do saber necessário a essa produção.

Algumas mídias, pela sua leveza, sua facilidade de produção e transporte, revelam-se como instrumentos úteis, eficazes, mesmo indispensáveis ao controle político e administrativo que implica o funcionamento de um império dominando um vasto território. É o caso do papiro e do papel, por exemplo.

Em oposição, outras apresentam traços que as tornam melhor adaptadas à transmissão no tempo. O monopólio da mídia foi historicamente assumido pelo poder religioso. Sua produção é longa e difícil, mas a duração de suas vidas mede-se em séculos e milênios. É o caso da escritura gravada sobre a pedra.

3 Da Aldeia Global ao Império

McLuhan pensava que as novas tecnologias de informação e de comunicação transformariam o mundo em uma enorme aldeia. Innis chegou à conclusão de que o desequilíbrio em favor das mídias em nível espacial, causado pelas tecnologias modernas, tornaria impossível a criação de novos impérios perenes. O que poderemos reter desses prognósticos?

Em a *La Galaxie Gutenberg*, publicada há mais de quarenta anos, McLuhan já anunciava o acontecimento da aldeia-mundo:

Essa situação [a de uma sociedade oral onde a interdependência resulta da interação necessária às causas e aos efeitos na totalidade da estrutura] é típica de uma aldeia e, desde o advento dos meios eletrônicos de comunicação, da aldeia global. Também é o mundo da publicidade e das relações públicas que é o mais consciente dessa nova e fundamental dimensão que é a interdependência global (McLuhan, 1962, p. 38).

E ele repetiu com força em seguida: A nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem da aldeia global (McLuhan, 1967, p. 67).

Daremos razão a McLuhan sobre a crescente interdependência do mundo que resulta na melhoria dos transportes e no crescimento das trocas econômicas tanto quanto da expansão das redes de comunicação, iniciadas desde o Quattrocento com as grandes descobertas e a potente ascendência do capitalismo comercial. Mas a metáfora da aldeia, extremamente popular porque ela fez o tour do planeta e atravessou quatro décadas, será esclarecedora para que possamos compreender o processo de globalização ou mundialização? Depois de amadurecer uma reflexão, a resposta é “não” e me parece necessário procurar em outro lugar

que não seja na estreiteza da imagem, em outro lugar que não seja na capacidade de representação, as razões de seu sucesso. Eu voltarei a esse assunto.

A metáfora da aldeia não é adequada para invocar a crescente interdependência do mundo pelo menos por duas boas razões. Primeiro, a imagem da aldeia não dá conta do processo em curso, porque as redes de troca e de comunicação religam sobretudo as cidades e não as aldeias. A globalização é, antes de mais nada, o negócio das grandes cidades do planeta. Os habitantes das aldeias e dos campos são pouco integrados ou deixados de lado.

A segunda razão, ainda mais fundamental, já que a da metáfora da aldeia me parece inadequada, deixa entender que a interdependência seria, na aldeia, maior do que em uma cidade. É o contrário que é verdadeiro, pois nós sabemos, desde os primeiros trabalhos dos pioneiros da sociologia e da economia política, que quanto mais a divisão do trabalho é elaborada em uma coletividade maior é a interdependência entre os seus membros. Não se faz necessário utilizar-se de um longo argumento para demonstrar que a divisão do trabalho é infinitamente mais complexa em uma grande cidade do que em uma aldeia. O cidadão é muito mais dependente dos seus semelhantes do que um camponês. Ele não os conhece pessoalmente, ao contrário do camponês que pode chamar praticamente todos os habitantes da sua campanha pelo seu nome. Mas isso é uma outra coisa.

De fato, se a metáfora da aldeia global é tão popular, é porque ela tem outros significados, além dos laços reais de interdependência que se desenvolvem no mundo moderno. A aldeia para os cidadãos – entre eles se encontra a maior parte dos leitores de McLuhan e os adeptos da aldeia global – refere-se ao estereótipo do lugar calmo e agradável situado em um ambiente idílico, sem barulho nem poluição, onde vivem em harmonia, amor e amizade os membros de uma pequena comunidade

solidária. O mito da aldeia apresenta os traços sublimes do que Tönnies definiu como uma comunidade em oposição a uma sociedade. A metáfora da aldeia global funciona, porque ela exprime a esperança insensata de que o futuro nos conduz à reprodução de um passado idealizado. O problema é que não é desse tipo de interdependência que resulta a expansão das redes de troca e de comunicação.

Nós estamos mais perto da realidade com esse outro aforismo de McLuhan, mesmo que nós encontremos, inevitavelmente, traços de seu determinismo tecnológico³:

Toda nova tecnologia necessita de uma nova guerra (McLuhan, 1968, p. 98).

Eu penso, evidentemente, na Guerra do Golfo de 1991 e na do Iraque de 2003, que permitiram aos americanos testarem as suas armas “inteligentes” e fazerem a demonstração de seu considerável avanço tecnológico sobre todos os outros países do planeta. Podemos falar de um império americano, como nos convidam Negri e Hardt?

A questão merece certamente ser colocada e debatida. Esse império, cuja esmagadora superioridade é militar, permite-lhes se afirmarem como a única superpotência do mundo que teria chances de durar ou já estaria em declínio, como pensa, particularmente, o cineasta Denys Arcand, cujo filme mais recente, *As Invasões Bárbaras* – de certa forma a continuação de um filme anterior, intitulado *O Declínio do Império Americano*, filmado há uns vinte anos – mereceu uma palma pelo melhor roteiro no último festival de Cannes.

Harold Innis concordaria, sem dúvida, com o diagnóstico de Denys Arcand. Segundo a sua teoria, os americanos possuem, incontestavelmente, a tecnologia adequada para controlar os vastos territórios, distantes uns dos outros, mas podemos nos perguntar se eles podem contar com uma mídia capaz de assegurar a perenidade dos valores sobre os quais

se funda o sistema americano. O império americano acabará um dia por cair, como todos os anteriores, mas quando? Somente a história, obviamente, trará a resposta para essas interrogações. Os roteiros apocalípticos sobre a hegemonia americana não me parecem, entretanto, mais convincentes do que aqueles que prediziam a morte do sistema capitalista nos anos 60, ou o fim da história, nos anos 90. Os americanos, sem dúvida, não mais acreditam, com o mesmo fervor, no sonho de regeneração que moveu seus ancestrais, mas os valores de base do liberalismo, sobre os quais se baseia o funcionamento do seu sistema econômico e social, ainda se transmitem de uma geração à outra. Além disso, a importância da religiosidade nos Estados Unidos não deve ser subestimada. Será que não é por causa disso o medo que se tem da ascensão do fundamentalismo?

Mas deixemos as suposições futurólogas e voltemo-nos ao exercício bem real da hegemonia americana contemporânea. James Carey escreveu que a invenção do telégrafo elétrico permitiu a passagem do colonialismo, modo de dominação descentralizado no qual a lentidão dos transportes e das comunicações implicava, forçosamente, uma certa autonomia do governador local, ao imperialismo moderno, no interior do qual a rapidez das comunicações torna cotidiana a influência do poder central. A informática e as redes telemáticas reforçam, consideravelmente, essa tendência a um tal ponto que a gente pode se perguntar se nós não assistimos à emergência de uma nova forma de imperialismo que poderia, na maioria dos casos, economizar na formação de uma administração política tentacular a encargo do poder central. Seria um novo império fundado sobre o exercício do poder em rede, como qualificam Hardt e Negri (2000)?

A noção de imperialismo cultural, popularizada por Herbert Schiller nos anos 70, foi severamente criticada por basear-se

em uma teoria do complô e da manipulação de forma exagerada. Opuseram-se de maneira a banalizar a sua importância, a liberdade e a autonomia dos receptores.

Nesses tempos em que a gente fala tanto de globalização e de mundialização, seria, portanto, inútil reavaliar as hipóteses de Schiller e de interrogá-las, particularmente, sobre o ângulo das preocupações inissianas que dizem respeito à transmissão e a perenidade dos valores. Será que Joseph Nye, politólogo, conselheiro da Casa Branca, propôs seriamente, em 1990, uma estratégia de soft power que integra em parte o que Schiller entendia por imperialismo cultural (Mattelart e Tremblay, 2003)?

Entretanto, parece-me que a atual administração americana escolheu uma outra via, mais brutal, como pudemos ver durante a última intervenção de abril no Iraque.

Faz-se necessário uma mudança total ou somente uma nova fase de uma estratégia global que administre alternativamente a situação? Será que a hegemonia cultural se constituiria, realmente, em uma alternativa ao exercício da força armada, ou as duas não seriam somente duas facetas de uma mesma política?

Conclusão

Eu já falei longamente e, no entanto, só conseguimos dar uma passada no tema. Eu lembrei, somente em grandes traços, o pensamento e a abordagem dos dois pioneiros da pesquisa em comunicação no Canadá. Destaquei algumas questões para relativizar determinadas conclusões e prosseguir a reflexão.

Mas para compreender a obra de Innis e a de McLuhan, restaria ainda restituir o contexto socioeconômico de sua elaboração no período do pós-Segunda Guerra Mundial, tão fértil em grandes mudanças em todos os domínios, que eu não tentaria nem evocá-los mesmo que

sucintamente. Eu mencionarei apenas o advento da televisão nos anos 50, que se tornou a mais popular e a mais potente mídia da comunicação, e a criação da UNESCO, a título de indício do novo reconhecimento, em escala planetária, do papel da cultura, da educação e da comunicação na vida das sociedades e no desenvolvimento dos povos.

Faz-se necessário também para apreciar a contribuição intelectual de Innis e de McLuhan colocar seus trabalhos em perspectiva com os de outros autores da mesma época em outras partes do mundo. No momento onde esses dois autores canadenses colocavam a técnica no centro de seus estudos de comunicação, a maior parte dos pesquisadores americanos seguia suas pesquisas empíricas sobre os efeitos das mensagens. Outros aplicavam as teses evolucionistas e difusionistas das comunicações para o desenvolvimento. Adorno e Horkheimer criticavam a indústria cultural enquanto que Shannon e Weaver concluíam a teoria matemática da informação, e Wiener jogava as bases da cibernética.

Os europeus do Oeste, particularmente os franceses, influenciados pelo estruturalismo em lingüística e em antropologia, trabalhavam sobre o sentido e faziam da semiologia ciência das comunicações. No Reino Unido, os trabalhos de Hoggart, de Williams e de Thompson sobre a cultura popular e a formação dos adultos, inspirados, no começo, pelas abordagens da filosofia marxista, conduziram à criação de uma potente corrente que se tornou proteiforme, a Cultural Studies. Faz-se necessário, finalmente, para podermos compreender o impacto das obras de Innis e McLuhan, perguntar-nos por que teorias de fundamentação empírica tão pouco seguras, tão pouco orientadas na direção da ação, tão pouco traduzíveis em passos concretos, conheceram um enorme sucesso junto aos gestores públicos e privados. Por que, por exemplo

– e eu termino aqui – o determinismo tecnológico consegue uma grande receita junto aos dirigentes, aos tecnocratas e aos administradores de todo gênero ?

Notas

* Texto que seria apresentado no Seminário Internacional da PUCRS em agosto de 2003. Traduzido por Cristiane Freitas Gutfreind.

1 O único texto de Innis publicado em francês é "L'oiseau de Minerve", *Communication Information*, Québec, 1983, vol. V, nº 2 e 3, p. 267-297, tradução de Roger de la Garde e Line Ross.

2 O termo inglês bias pode ser traduzido nas línguas latinas por viés. Ele implica a idéia de que as mídias possuem certas características que as orientam e as condicionam ao uso e aos efeitos.

3 Uma abordagem menos determinista fará surgir o importante papel do exército na pesquisa técnica e o peso que esse exerce na origem dos conflitos, seu desejo de testar suas novas armas. Não é a tecnologia em si que precisa da guerra, mas os grupos sociais que a colocam a serviço de suas atitudes bélicas.

Referências

ADORNO, T.W. (1964). *L'industrie culturelle*, *Communications* (3): 12-18, Paris.

ADORNO, T.W. and M. HORKHEIMER (1974) "La production industrielle de biens culturels", in *La raison dialectique*. Paris: Gallimard (1ère édition: 1947).

CAREY, James W. (1989). *Communication as Culture. Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman.

CASTELLS, Manuel (1998). *La société en réseaux. L'ère de l'information*. Paris: Fayard, (édition en anglais: 1996).

_____. *Le pouvoir de l'identité. L'ère de l'information II*. Paris: Fayard, (édition en anglais: 1997).

_____. *Fin de millénaire. L'ère de l'information III*. Paris:

Fayard, (édition en anglais: 1998).

_____. *La Galaxie Internet*. Paris, Fayard, 2001, 366 p.

CHRISTIAN, William. (Introduced and edited by), 1980 *The Idea File of Harold Adams Innis*. Toronto, The University of Toronto Press.

FERANDEZ COLLADO, Carlos y HERNANDEZ SAMPIERI, Roberto (1995). *Marshall McLuhan, el explorador solitario*. México, Grijalbo, Universidad Iberoamericana.

HARDT, Michael and NEGRI, Antonio (2000). *Empire*. Paris, Exils Éditeur.

INNIS, Harold. A.(1977). *The Bias of Communication*. Toronto, University of Toronto Press (1ère édition: 1951).

_____. *Empire and Communications*. Toronto, University of Toronto Press (1ère édition: 1950).

MARCUSE, Herbert (1969). *Vers la libération. Au-delà de l'homme unidimensionnel*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

MATTELART, Armand et TREMBLAY, Gaëtan. "Communication et démocratie", *Actes du colloque 2001 Bagues, globalisme et pluralisme*, Presses de l'Université Laval, Québec, 2003.

McLUHAN, Marshall (1951). *The Mechanical Bride*. Boston, Beacon Press, 4th printing, 1969.

McLUHAN, Marshall and Quentin FIORE (1968). *War and Peace in the Global Village*. Bantam Books.

_____. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*, Bantam Books, 1967.

McLUHAN, Marshall (1970). *Pour comprendre les media*. HMH, Montréal, (édition originale en anglais publiée McGraw-Hill, New York, 1964).

_____. *La galaxie Gutenberg*. HMH, Montréal, (édition originale en anglais publiée par Toronto University Press, 1962).

MELODY, William, SALTER, Liora, HEYER, Paul (editors) (1981). *Culture, Communication and Dependency, The tradition of H. A. Innis*. Norwood, New Jersey, Ablex Publications Corporation.

NYE, Joseph. Bound to Lead: The Changing Nature of American Power. New York, Basic Books, 1990.

SALTER, Liora. ed. (1981) Communication Studies in Canada. Butterworths, Toronto.

SCHILLER, Herbert. Communication and Cultural Domination. White Plains, NY, M. E. Sharpe, 1976.

TREMBLAY, Gaëtan (1995). «The Information Society: From Fordism to Gatesism», Canadian Journal of Communication, vol. 20, n. 4, pp. 461-482. Reprinted in Regulationist Perspectives on Fordism and Post-Fordism, Regulation Theory and the Crisis of Capitalism, Bob Jessop editor, Edward Elgar Publisher, Cheltenham, UK - Northampton, MA, USA, 2001, pp. 392-413. En français: "La société de l'information: du fordisme au gatesisme", Communication Information, vol. 16, n. 2, décembre 1995, pp. 131-158.

_____. "Le développement de la recherche en communication: éléments pour une analyse comparée Brésil-Canada», Colloque Amérique. Terre d'utopies. Les défis de la communication sociale, Salvador de Bahia, Brésil, 1^{er} et 2 septembre 2002 (http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/even/Utopie/francais/u_pr_f.html).

_____. "La Sociedad de la Información y la nueva economía. Promesas, realidades y faltas de un modelo ideológico", TÉLOS, Madrid, n. 54, p. 16-23, 2003.